



L a u r a R e g u e i r o *

“Em estreitos vales e em acrobáticos terraços dormem
riquezas à espera de serem descobertas....”

Marie Line Darey

Situada num destes vales, o vale de Cambres, fica a Qta. da Casa Amarela – Quinta tradicional na posse da mesma família desde 1875 – a meio caminho entre a Régua e Lamego, na mais antiga região demarcada e regulamentada do mundo, o Douro, dentro da zona classificada pela UNESCO como património mundial, em Dezembro de 2001.

A propriedade com cerca de 15 ha de vinha, é parte integrante de um património vitivinícola de cerca de 45.000 ha, distribuídos por aproximadamente 37.000 viticultores.

Viticultores que foram capazes de levar a cabo um empreendimento colectivo, que rivaliza em dimensão e capacidade com qualquer dos grandes monumentos da Antiguidade. Mas ao invés dos templos do passado que se vão desmoronando, esta obra enraíza-se no solo. Aqui não existem sacrifícios vãos.

O sacrifício que se oferece neste altar de montanha é o trabalho e o esforço de toda a vida de um Homem, nutrindo no xisto árido e na poeira, essa divina dádiva – a vinha –, presente nesta paisagem, pelo menos, desde a época da romanização.

Por isso, o Douro, constituiu desde sempre, um corredor de povos e culturas que ilustram na paisagem os diferentes períodos da história humana. Uma paisagem cultural evolutiva e viva, obra combinada do Homem e da Natureza, animada

* Licenciada em História. Proprietária da Quinta da Casa Amarela.

pelo sangue e esforço de Homens e Mulheres que sacrificaram as suas vidas ao mistério da vinha.

Um altar de montanha com base num rio, resultado da simbiose perfeita entre o Homem e a Natureza, um poema geológico no dizer de Miguel Torga.

Mas a manutenção deste património cultural de excepcional valor paisagístico, corre o risco de degradação, decorrente dos seus elevados custos produtivos. E, por isso, tornou-se imperativo e necessário diagnosticar e desenvolver novas âncoras, tais como: o vinho (Porto e DOC) e o turismo, que poderão tornar-se nos principais recursos para o desenvolvimento do território, aliando sempre a imagem de marca à ideia de qualidade e excelência, a que tem de estar associado todo o Vale do Douro nas suas variadas valências.

Torna-se necessário que surjam políticas concertadas que conduzam ao desenvolvimento de acções e investimentos realizados de forma integrada nos dois grandes “clusters” do Douro – o Vinho e o Turismo (turismo de natureza, turismo cultural, enoturismo) – nunca esquecendo que o Douro não tem vocação para produtos de massa. Massificar o Douro seria liquidá-lo. Deste modo, conseguir-se-ia, também impedir a saída da população da região, proporcionando desenvolvimento económico e social dos seus recursos.

E porque acredito:

- 1º – que a região tem no plano vitivinícola e turístico um elevado potencial dentro de si, de forma a assegurar um desenvolvimento económico e social sustentável e duradouro;
- 2º – Porque, a meu ver, o negócio de uma empresa é mais sustentado quando apoiado na diversificação;
- 3º – Porque a minha paixão pelo Douro, que nasceu e cresceu comigo, ter-me-á sempre de vontade determinada e entusiasmada, a dar a conhecer e a fazer sentir a sua autenticidade e a sua integridade.

Estou segura, que no quadro da globalização do mundo moderno vamos ter de encontrar nós, agentes económicos, cada um à sua escala, soluções que permitam a sobrevivência e a valoração da paisagem cultural vínica de forma competitiva

Soluções que passam por determos produtos com história, como o vinho com Denominações de Origem, ligados a “terroirs” específicos, com identidades próprias, e paisagens e culturas que não podem ser deslocalizadas.

E foi com base neste todo articulado, que a Qta. da Casa Amarela, em 1996, abriu as suas portas, dando então os primeiros passos no enoturismo, como aderente à Rota do Vinho do Porto.



A preocupação imediata foi tentar perceber o conceito “o que é o enoturismo?”. Nem eu nem nenhum dos membros da família, é expert nesta área. A única mais valia é resultante de valores educacionais. Receber com simpatia, afabilidade, bom acolhimento, dando sempre o meu melhor que dentro dos portões havia, era e é o lema vivido e seguido nos mais diversos momentos.

Entender por enoturismo, uma variante da actividade turística que se limita a dar a apreciar o sabor e os aromas dos vinhos, numa envolvente de boa hospitalidade, parecia-me um conceito demasiado redutor. Tornava-se necessário aprender e, como vivemos num mundo global, facilmente se experimentam novos contextos culturais que possibilitam aprendizagens que nos vão enriquecendo. Visitas a outras regiões vinhateiras com rotas de vinho a funcionar, como a Rota da Alsácia, a Rota da Áustria e a Rota Italiana da Toscana, foram extremamente esclarecedoras e ajudaram na definição da tipologia de turismo a desenvolver.

Enoturismo é cultura no seu conceito mais lato (a cultura do vinho está sempre em qualquer outra) e, no seu conceito mais restrito, continua a ser cultura mais... cultura de vinho, com uma forte componente educativa, pedagógica em termos de objectivo, servindo-se para isso de estratégias lúdicas.

Enoturismo exige de nós criatividade, de forma a quem nos visita, não se limitar a ser um mero observador passivo.

Há que fazê-lo sentir a nossa cultura, a terra, os nossos costumes, dar-lhas a conhecer as nossas histórias, a nossa gastronomia, educá-los na descoberta dos aromas que exalam de um vinho, fazê-los compreender e perceber todo o processo produtivo vínico, descobrir novos sabores (o pão, o azeite, a fruta), fazê-los compreender a paisagem.

Aliar o vinho às mais diferentes manifestações de arte: literatura, pintura, música e artesanato.

Mas, enoturismo passa também por um encantamento, por uma paixão em algo que se acredita e que se quer exaltar.

Têm sido estes os pilares de suporte à actividade desenvolvida na Quinta, com ofertas turísticas variadas, criativas, inovadoras, como: Jogo do Vinho, Jogo dos Sabores e Aromas, Mini-cursos de Prova, A Escolinha do Vinho, Lagaradas, Vindimas à Mesa, Vinho e Música, Viva a Vinha, etc.

A experiência, diz-me ainda que é necessário a quem recepciona os turistas (preferencialmente o proprietário) o faça de uma forma profissional com uma linguagem acessível, onde a abordagem seja feita com a história do local e das suas particularidades, no intuito de agregar valor ao produto.

Divulguem-se as várias formas de utilização da uva e do vinho, não só enquanto bebida, mas também na saúde, na estética, na culinária, etc.

O enoturista ainda é uma figura pouco conhecida. A minha percepção é que na sua maioria é de classe média/alta e tem muita curiosidade.

Julgo que seria de extrema importância a elaboração de um estudo do seu perfil, o que, a meu ver, é fundamental para o desenvolvimento do sector.

Conhecer a faixa etária predominante, o que o motiva a visitar (curiosidade, conhecimento da elaboração do vinho, conhecimento da cultura da região, qualidade dos vinhos ou visita imposta por estar incluída em pacote turístico adquirido?) seriam dados de extrema importância para potenciar as sinergias de um turismo de moda – o Enoturismo.

Passar férias “banhadas em vinho” começa a ser uma modalidade cada vez mais procurada. Em vez de esperar que o sol nos chamusque a pele, procuram-se alternativas em que o corpo e a nossa mente se refresquem com cultura, relaxe e arte....e aqui entra o Enoturismo.

Com uma capacidade máxima para 50 pessoas e 2000 turistas/ano, a Quinta da Casa Amarela sofre, como a maioria das unidades neste sector, de sazonalidade dentro da actividade, que é preciso contrariar. Para isso, a solução passa por unir esforços, proporcionar trabalho em rede entre os agentes económicos do sector, unificar critérios, definir controlo de qualidade, para que o Enoturismo se torne num sistema turístico integral e integrador de um território, onde é fundamental a mutualização de uma visão estratégica global.



Quinta da Casa Amarela
– Casa da Quinta



“O Enoturismo passa também por uma paixão em algo que se acredita e se quer exaltar”



Lagarada na Quinta da Casa Amarela

